

“Situação deve melhorar para os exportadores”, diz Quintella Filho

por Vera Brandimarte
de São Paulo

A expectativa do setor de exportação de commodities agrícolas é de que o fechamento do acordo em princípio com os bancos credores resulte em redução das taxas de juro nas linhas de financiamento de curto prazo. “Para os exportadores, a situação deve melhorar”, afirma Wilson Quintella Filho, presidente da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC).

Neste ano, os exportadores não estavam enfrentando o problema de carência de crédito comercial no exterior, como ocorreu há cerca de dois anos. O obstáculo eram as taxas de juro, já que o mercado financeiro internacional considerava o risco Brasil. “Hoje, os custos dessas linhas de crédito para o Brasil são os mais caros do mundo. Agora o Brasil deixa de ser um pária do mercado financeiro”, afirmou Quintella.

“Vamos voltar a ter créditos com taxas normais e não distorcidas, como as que vêm sendo cobradas depois da moratória”, acrescentou Celso Mario Schmitz, diretor financeiro da Ceval Alimentos, à editora Cristina Aby-Azar.

De acordo com Schmitz, há uma década as linhas de crédito eram muitas, com taxas equivalentes à Libor mais 1%, no máximo. No ano passado, contudo, o Brasil chegou a pagar o equivalente a duas ou três vezes este valor.

A queda nas taxas de juros, estimam os exportadores, não deve ocorrer abruptamente, até porque decorrerão alguns meses até que o princípio de acordo selado com o comitê dos bancos seja assinado por todas as instituições financeiras credoras.

MOMENTO IDEAL

Para Luiz Fernando Furlan, vice-presidente da Sadia, o fechamento do acordo em princípio cria o momento ideal para o governo brasileiro estudar novos passos em sua política cambial.

“Chegou a hora de o governo estudar a liberação parcial do câmbio, de maneira que o exportador não seja obrigado a vendê-lo num período de 45 dias”, afirmou, acrescentando que os três outros países do Mercado do Cone Sul (Mercosul) — Argentina, Paraguai e Uruguai — já têm câmbios livres.

“É um alívio para a economia brasileira. Teremos mais oxigênio para respirar”, disse o presidente da Eximcoop e ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, Roberto Rodrigues, à editora Maria Alice Rosa. “Depois da reforma na política agrícola da Comunidade Econômica Européia (CEE), que inclui corte brutal nos subsídios aos produtores e a conseqüente queda nas safras locais, o fechamento do acordo era a oportunidade que faltava para o Brasil expandir suas vendas”, complementou.